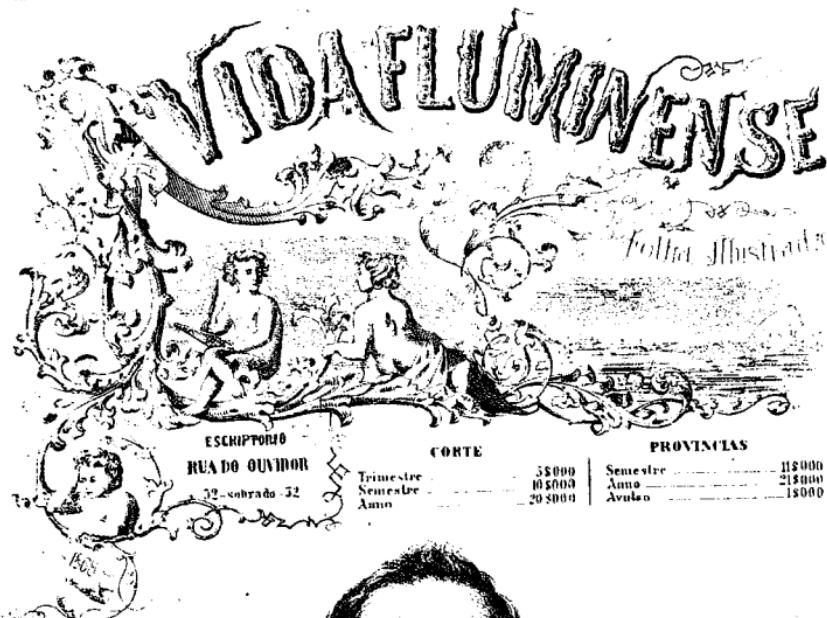


ANNO 5.

SABBADO 16 DE MARCO DE 1872

N. 2 20



O Barão de Angra.
actual director da estrada de ferro. D Pedro 2°.

A VIDA FLUMINENSE.

Rio, 16 de Março de 1872.

Dou a parte que me hade tocar no Paraíso, pois é fora de dúvida que devo ter lá um cantinho reservado, à quem me disser-o que seja a opinião pública,

O Vasques em sua immortal palhaçada *O amor-pau na roça*, symbolizou-a no Guilherme, vestido de pedestre, tendo náu me um atrevido vergalho.

A opinião do respeitável público, assim entendida, não deixa de ter seu fundamento.

E' fora de dúvida que o vergalho já representado pela pena do escritor que ora abrange uma idéa, ora combate por outra diametralmente oposta; já pelo governo que espôs todos os interesses; já pelo juiz que corrompe e é corrompido-dirige maravilhosamente as massas e toca-as para onde quer.

Mas a opinião pública n'este paiz é mais alguma coisa ainda.

Que o diga a eleição do Sr. Teixeira Junior.

O homem comilhador com todo o denôdo, expondo o peito às metralhas inimigas, na celebre campanha da emancipação do elemento servil, por cuja vitória, disiam todos, suspirava o Brasil inteiro.

A lucta termina; sobre o campo de batalha o lidador planta o estandarte glorioso do triunfo, e quando parecia que o paiz devia de caba a rabo, como vulgarmente se diz, abragar o guerreiro que com tanta bravura se portara vêmolto esquecido e insultado pelos aventureiros do arraial opposto.

Os leitores podeão ter a bondade de diser-me o que é opinião pública?

O facto mais importante da semana foi o *atentado atroz* que sofreu o cidadão português José de Almeida Barreto Bastos, o antigo poeta do Correio Mercantil, o homem dos *abstruzes* e do *pim-pim*, que deu em terra com o reinado progressista do Sr. Zacharias de Goes e Vasconcellos.

Segundo ouvimos diser o barda lusitano foi surprehendido em flagrante junto á uma esquina, em posição um pouco dubia!

O guarda fiscal, urbano, permanente, ou pessoa que melhor nome tenha em tecnologia policial, entendeu que aquella posição, alias muito conveniente d'entro das casinholas, que se en-

contram junto aos templos, era um insulto feito á esquina, e segurando-o pela gola, levou-o á presença do Sr. Ludgero, que não é homem para brincadeiras.

O Sr. Ludgero ouviu o inspirado trovador, e parece que a causa ficou reduzida a 10\$000.

O Sr. Rarreto Bastos procedeu então como o Brasil na questão anglo-brasileira,—pagou e protestou em seguida da tribuna universal do Jornal do Commercio.

E a tal tribuna universal da imprensa é uma grande instituição!

Infelizmente as paredes e os muros d'esta cidade começam a invadir-lhe as atribuições de uma maneira escandalosa.

Quem poser em dúvida o que acabo de diser apello com o protesto de arrasar no proxima semana para os Srs. Ayer, Gondalo, Bonneault etc., etc.

Até aqui o Vigor do cabello, a Salsaparrilha, e os religios eram apregoados em letra redonda nas columnas do jornalismo diário; hoje as virtudes d'esses objectos são estampadas á broxa em todos os muros e paredes.

Houve até quem dissesse com muito espirito—que a salsaparrilha limpava o sangue, mas sujava a cidade.

Mas este paiz é supinamente livre.
Todos aqui fensem o que querem.

E a prova está no grande barracão levantado no Largo de S. Francisco da Paula, e onde mediante dous testões se vé a guerra franco-prussiana por um olho, tendo-se alem disso direito á um assobio, um agulheiro ou a qualquer outra cosa, que a sorte designar.

A camara municipal cumpriu finalmente a promessa que nos havia feito de afornosear aquele largo.

Já temos alli um cosmorama, e muito breve é natural que appareçam barracas, onde se encontre á mão tudo quanto se precise.

E a estatua de José Bonifacio que, diziam, seria um dia alli levantada?

Sonhos deste bom povo de poetas!

E na realidade o Brazil é a terra da poesia.
Tenus poetas politicos e politicos poetas.

Os primeiros cantam os feitos dos que estão em cima para empolgarem o poder; os segundos

aceitam as homenagens dos que estão em baixo para conservarem o mesmo.

Quer-se um juiz que administre justiça com scienzia e rectidão, agarra-se um poeta.

Quer-se um presidente de província, recruta-se das fileiras das Musas um trovador, e lá vão os interesses do Estado para o Parnaso.

Precisa-se de um diplomata para realizar uma negociação importante, vai-se procurar a dedo um apostolo da poesia.

Aí a pasta das finanças tem sido ocupada por poetas!

Digam-me agora se este paiz não vive a sonhar?

* *

O que deixou de ser sonho e passou para os domínios da realidade é o afan com que se fazem arcos, coretos e iluminações para a recepção de SS. MM. Imperadores.

Preparam-se os pais de família para essa luta travada, em que hão de sahir vitoriosos Decap & Auteage, Célestine, Chesneau, Guion e todos os que cahem sobre as algibeiras do proximo em faes ocasiões.

Declaro ao leitor com a franqueza que me caracteriza, que tres vezes tenho encarado o hymneu e tres vezes tenho recuado, prevendo a possibilidade de apparecer-me algum festejo com luminarias na constancia do matrimônio.

Quando penso nisso, por mais ardente que seja o amor que consagre á uma mulher converte-se logo em frio gelo da Siberia.

Vem-me á mente o vestido de seda, a meda-lla para o pescoco da menina, os sapatos para o Joásinho, o chapéu para a Bilú, o par de luvas para esta, o bracelete para aquella, todo este inferno emflim de que está livre o celibatario.

Aguentem-se portanto os pais de familia no balanco, como dizem os garotos.

Quanto á mim, pretendo assistir de palanque a tudo quanto houver.

* *

Já está decidida a sorte dos periquitos da salinha. Oxalá que não lhes faltem boas espingas de milho.

Até sabbado.

Z.

Belicções

Que título!

Tolo, não achão? A primeira vista assim é. Parece mesmo muito tolo, mas tolo ainda do que o leitor, que pensa votar livremente, pelo simples facto de ter a liberdade, não de dar o seu voto a quem bem

quer, mas de escolher entre duas chapas de ferro, impostas por mandões e recheadas de nomes, que... (Calate, oh, boca; não maldigas o teu proximo!)

Mas, se não levão a mal, vou dizer-lhes o que me induziu a intitular assim o que vai por ahí adiante.

Sabem que ha belicções que doem e belicções que deleitam.

Entre os primeiros contam-se os que as mães rispidas dão nos filhos traquinhas, os mestres severos nos discípulos mauíriões, as senhoras velhas-taubujantes nos crioulinhos mal criados.

Desses *libera nos, domine!* São insuportáveis; magram; deixam no corpo marcas roxas e doridas por muitos dias.

Mas ha outros em compensação. Se ha!

E entre elles figuram no primeiro plano os que as moças bonitas dão, de longe em longe, em seus namorados.

Oh! De-nos Deus duzias desses por hora, que os solferemos resignados... sem proferir uma queixa, sem soltar um gemido.

Orá, cias aqui a cosa bem clara... ou escura. Eis aqui porque escrevi na cabeça deste artigo —belicções— (vocabulo que em bom portuguez é quasi synonymo de piuções.)

Perceberam? Se não perceberam, procurarei tornar-me mais explicito, dizendo: assim como uns belicções incomodam e outros dão prazer, assim como uns são inflingidos como castigo e outros dados como recompensa.... e tal e tal... assim tambem n'esta chronica procurarei distribuir a todos justiça, como cada qual merecer, censurando o que for digno de elogio, louvando o que merecer censura, castigando os bons.... Não é isso; equivocuei-me, atrapalhei-me todo.

Voltemos, pois, atraç e afelevemos melhor o assunto.

Como dizia: assim tambem n'esta chronica procurarei distribuir justiça a todos, como cada qual merecer, censurando o que.

Orá, viva!

E eu a perder um tempo tão precioso com explicações inutiles como o «*Diário de Notícias*» banas, como o «*Correio do Brasil*», parva como... (Mau! Em tão poucas linhas cinco vezes—como—, como se eu fosse homem de muito comer!)

Emfim!

Comecemos.

* * *
Estão lendo o *Corta Cabeças*, folhetim actual do *Jornal da Tarde*?

Não percam este ensejo de se instruirem em litteratura nua. E' um conselho de amigo que lhes dou.

Se querem, dou-lhes aqui uma amostra da fazenda, narrando em poucas palavras uma das peripecias do tal folhetim. E' fresquinha; é d'esta semana.



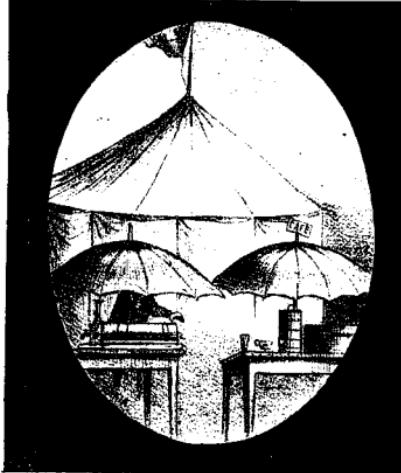
*Preparativos para os festeiros.
Jo a actividade se desenvolver assim por toda a parte, muito
haveria por certo que ver e admirar.*

A VIDA FLUMINENSE



"Vocé não é chantilhão minha burra, que
você está bêbado, por favor!
"Alôsia, a cambra quer que os soldados
não queimem império, e como Moscou brava,
"vai que nos chega...
"Sólo. Sólo estar você, desaforade!"

"Vinha verhar, Tololo sobre os olhos
tremendo, faga imposto
"Quem é tololo? Vocé não vê que é uma
fazenda por causa da vigia?
"Salva eu em toro, lá accidirímos isso
na Cambra.



"Soldados que servem de goito aos pés
de gente, que serve pra carregar
gens, mas que preceas são invi-
gostos, muito embelleceram as mui-
cas puscas.

Editorial destinada a comemorar
os grandes serviços prestados ao
povo fluminense. Fazida das datas
maio 1 de 1869, 1870, 1871 e 1872.

Ahi vai:

Dous namorados estão n'uma ilha, opulenta de vegetação, e onde corre manso e cristalino regato. Junto ao regato ha uma gruta, sombria, fresca, extremamente aprazivel.

Vai a namorada e trava com o namorado o seguinte dialogo :

— Oh, aquelle!

— Hein?

— Vamos tomar um banho?

— Está dito.

E logo principiam os dous a tirar de cima de si isto, aquello, aquell'outro, tudo enfim com que estavam vestidos.

E eu-los ambos, lepidos como corças, alvos como os cynses... brancos, (se me referisse nos cynes de outra côr, a comparação não seria tão perfeita, creio) faceiros como beija-flores, e vestidos... como o cupidinho do Passeio... encaminhamo-nos de braço dado para o regato.

Quadro tocante, deslumbrante e edificante!

Se me haviam Adão e Eva no Paraíso... antes da folha de figueira.

Depois do banho foi o lindo par para a gruta... e outros referidos no Novo Método.

Leiam! Leiam! Não lhes digo mais nada!

A linguagem é clara e correcta, sem esses vêos estúpidos, sem essas referencias que nada explicam.

Aquillo é—pão, pão, queijo, queijo!
E porque não haverá ser??

E a Republica com Mlle. Julia Delepine?

Aquillo é que é entusiasmo, carabu!

Nullus est dies, quo non dicat pro radequista.

Se hoje vem um noticiario de vinte linhas, é porque amanhã haverá vir outro de trinta, e depois quarenta, e assim por diante até encher toda a folha, com exclusão tão somente do pé daque da primeira columna, que se refere ao preâmio dos dez contos.

E os adjetivos e pronomes ascendem na mesma proporção!

E as comparações vão por ah alien, rápidas e certeiras, como seta de ind'ó, ou como telegramma capaneunico!

E as citações avolumam-se... e tu lo em summa, cresce! cresce! cresce!!! que é um louvar a Deus!!!! E porquê? on para quê?

Realmente é para passar que a Republica se extasia por ver uma senhora tocar rabeca.

Se elas já nascem sabendo executar variações n'esse instrumento! E que variações!

Oral Para o que lhe havia, de dar a Republica, Não somos nada n'esta vida!

A Camara Municipal... essa, sim, é que é tudo quanto quer ser.

E agora o que ella quer é ser rica, o demo a ajude!

Para conseguir tão louvável intento.... Ora, dizel-me cá leitores: pensásteis naturalmente que a edilidade, quando establecer os mictórios públicos teve em mira limpar as esquinhas e becos da cidade?

Ingenhos que sois! Seu fim foi, pelo contrario, limpar as algibeiras dos municipes, por meio de multas de 108000 reis! Os mictórios não servem senão de pretexto, de isca para as infrações da nova postura.

A Camara disse lá aos seus botões. (Não a ouvi dizer, mas é como se ouvisse). Disse ella, pois :

— Estabeleço alguns recepcionais acanhados, incapazes de receberem tanta ammonia da cidade; collocos os muito longe uns dos outros e decreto uma multa pesada a quem... continuar no costume antigo.

E se bem o disse; melhor o seu feito.

Dez mil reis! E pede-se assim dez mil reis, como quem pede fogo para acender uma ponta de cigarro!

Outra especulação bonita da edilidade é a das barracas de lona velha nas praças da cidade. Deste ponto tratará no proximo numero.

Começou-se a publicar na corte uma nova folha diária, denominada *Movimento*.

Chovison um pouco no dia em que apareceu seu primeiro numero.

Não se digna, portanto, que o *Movimento* para nadu serve.

Uma causa desejava que me dissessem. E esta: A peça que se representa na *Phénix Dramatica* chama-se *Fausto*, porque foi posta em cena faustosamente, ou foi posta em cena com todo o fausto, porque se chama *Fausto*?

Quem souber e quizer informar-me, será gratificado com um... aperto de mão cordial.

A Apolonia tem momentos bem felizes. A Eugenia vae assim. Vnsques faz rir as pedras. Lisonja ton pernas grossas. Galvão... fica tão bonit'nhô!

O spectaculo não excede das 11 horas e meia. Não se perde, pois, o bond.

Pollegar e indicador,
(Em colaboração.)

Assunto de varias côres

Peré Lahyre, marido de Mme. Loysé, é obrigado por ordem do rei a ir ajustar contas com os ingleses. Casado de fresco e previdente como os que o são, confia sua mulher aos cuidados do cavaleiro Dunois, que a ser verdade o que diziam as más línguas d'aquele tempo, fizera outrora a corte à mulher cuja guarda lhe é agora confiada. Dunois, entretanto, é amigo de Lahyre

e embora saiba que Loyse o vê com olhos... onde a severidade, ao menos para com elle, não transparece um instante, cumpre a promessa feita ao amigo, evitando todos as ocasiões de achar-se a sis com a mulher por quem seu coração já batou, e bate ainda, e contentando-se de arpentir l'antichambre sem se lembrar que dans la chambre existe o objecto do seu amor.

Lahyre volta da guerra, e descobrindo, por acaso, a ardente chama que põe em torresmos o coração da esposa e os miolos do amigo, quer matar-se ali mesmo, para que a sua viuva possa mais tarde encontrar a felicidade nos braços de Dunois.

O rei, porém, previdente também e sabedor de todas estas manobras do Deus vendado, enviará um telegramma ao papa, e na própria occasião em que Lahyre quer dar cabo de si, chega a resposta do telegramma, intimando Lahyre a divorciar-se da mulher, e permitindo-a esta de contrair segundas nupcias com o cavaleiro Dunois.

Tal é pouco mais ou menos o libretto da *opérette* ultimamente representada no teatro francez.

O enredo não prima, de certo, pelas complicações que põe a tratos a imaginação do espectador.

Há, porém, muito dito espirituoso, muita situação onde o burlesco sobressai, e muita frase que provoca a gargalhada franca e expansiva.

Na musica, inspirada quasi toda pela musa de Offenbach, há trechos folgazões, a par de algumas melodias singelas que exprimem bem o sentimento das palavras. Os *couples* de Dunois estão no primeiro caso: o romance de Loyse pertence inquestionavelmente ao segundo.

A peça é em geral bem cantada, e melhor comprehendida, por Tostée, uma castellã ás direitas, e por Dubois, um cavaleiro capaz de respeitar os depósitos, embora frageis, que lhe são confiados.

Rosier é ainda digno de menção honrosa pelo relevo que sonber dar ao *typo* de que o encaram.

Duas festas d'estrondo se preparam para o começo da semana proxima,

E' a primeira—o beneficio de Mlle. Delmary, anunciado para segunda feira, com a *reprise* da opera buffa—Le Pont des soupirs.

E' a segunda—o beneficio da rabequista Julia Delepiere anunculado para a noite de 19 na vastíssima sala do *Lyrico*.

Qualquer d'estes spectaculos não carece de recommendation.

Mlle. Delmary é uma artista que reside entre nós há perto de sete annos, trabalhando constantemente, interpretando á satisfação geral os diversos generos do repertorio francez, e mostrando boa vontade a toda a prova e zelo inexcedível no cumprimento de seus deveres.

Na opera, na operetta, na comedie ou no *vaudeville* tem ella dado soejas provas de uma intelligencia pouco vulgar, de uma memoria prodigiosa, e de um talento que se amolda perfeitamente ás exigencias de um repertorio onde a variedade de genero predomina.

Considerada como cantora, se a natureza não lhe concedeu orgão capaz de quebrar as vidraças, ensinou-lhe a arte esses mil preceitos que nem todas aprendem facilmente, e de que ella sabe servir-se com a correção aconselhada pelo estudo assiduo.

Como actriz—basta vê-la no *Piano de Berthe* para conceder-lhe um lugar de honra entre as primeiras que por cá tem apparecido.

Mlle. Delepiere é a *vio'lonista* que tem sabido extasiar o nosso publico, e atraír sobre si o elogio sincero e unanimi da nossa imprensa.

Iniciada desde criança nos segredos da arte e dotada de uma vocação legitima, sabe ella tirar do seu violino todo o partido que é possível tirar-se de tão difícil instrumento.

Nos *andantes* é de uma perfeição é suavidade inexcedível o seu modo de vibrar os sons: nos allegros ha a bravura precisa e a nitidez indispensável á distinção das notas, de sorte que o auditório pôde contar-as separadamente sem que, no fim, dê pela falta de uma só.

Recomendar pois artistas d'esta ordem á protecção publica é cosa por demais inutil.

O jornalismo annuncia tão sómente os spectaculos, e o publico faz o resto.

* * *

O Paraíso perdido mostra até á evidencia que, havendo no paiz artistas como Joaquim Augusto já era tempo de se pensar seriamente na creaçao do theatro normal.

* * *

No Cassino ha entusiasmo graúdo todas as vezes que Miles, D'Harcourt e Celine ou os Srs. Aufray e Désir desenrolam perante o publico as mil facetas de suas cançonetas.

Entretanto, com artistas assim, parece-me que já era tempo de lançar mão do *vaudeville* ou da *operetta*.

A. de A.

A VIDA FLUMINENSE



Não tembo medo de caras.
Só tem de carinhas ou carcas:
Só teme por mim? Pra mim...
Eu importuno os quais peletas??